

# RACHEL VAN DYKEN

## *o Risco*

*Tradução*  
Flora Pinheiro



Copyright © 2014 by Rachel Van Dyken

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Dare

*Capa*

Marcela Perroni

*Imagem de capa*

Felix Wirth/Latinstock

*Copidesque*

Carolina Vaz

*Revisão*

Emanuela Gonçalves

Sheila Louzada

Carolina Rodrigues

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

D995r

Dyken, Rachel Van

O risco/ Rachel Van Dyken; tradução Flora

Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

292p. (A aposta)

Tradução de: *The Dare*

ISBN 978-85-8105-306-6

I. Romance americano. I. Pinheiro, Flora. II. Título. III. Série.

15-24632

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

---

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

*Para vovó Nadine, que, convenientemente, se esquece de se autocensurar desde que fez oitenta anos. ;)*

## Nota da autora

Acho que nem preciso dizer: esta série não existiria sem minha verdadeira avó, vovó Nadine. Ela é maravilhosa. Quero ser igualzinha a ela quando crescer, sério. Nunca conheci outra mulher de oitenta e sete anos que fique tão bem de batom vermelho e salto alto. Juro que ela tem mais energia do que eu. Na última vez que fomos juntas a uma sessão de autógrafos em outra cidade, desabei em um banco e ela ficou tentando me arrastar para os pontos turísticos. É claro que me agarrei ao banco com ambas as mãos e tentei resistir, mas não tem como discutir com vovó. Ela tem poderes secretos que tornam impossível vencer uma discussão, então acabei fazendo o que ela queria e fiquei cheia de bolhas nos pés no dia seguinte.

Até hoje reservo um lugar especial no bloco de notas do celular para as pérolas de vovó e fico feliz em dizer que, toda vez que fala algo inapropriado, ela faz uma pausa e diz: “Você não vai colocar isso no livro, vai?”. *lol* É muito bom saber que vocês a amam tanto quanto eu.

Este vai ser o último livro da série A Aposto... ou será que não? Estou deixando tudo bem amarradinho, mas não tenho muita certeza de que vovó está disposta a parar, então acho que ela vai acabar me arrastando para uma nova aventura que renderá mais três livros.

Muito obrigada pelo apoio à série! Como sempre, é possível seguir minhas aventuras no Facebook (Rachel Van Dyken), no Wattpad (Rachel Van Dyken), no Twitter (@RachVD), ou se juntar ao grupo Rachel's New Rockin Readers para ter acesso a trechos inéditos e participar das discussões.

E, se você amou o livro, por favor, faça uma resenha. Se não gostou, faça também. Resenhas me ajudam, mesmo que nem sempre sejam só elogios. :)

Amo todos vocês!

Abraços,

RVD

# Prólogo

*Formatura do ensino médio, 2000*

Alisei o vestido branco e sedoso que minha mãe havia comprado para mim. Char me olhou com ceticismo enquanto analisava o vestido e, depois, meu rosto.

— Tem certeza de que ele convidou você?

— Char! — Revirei os olhos. — Pela segunda vez, sim, ele me convidou semana passada, na aula de biologia.

Como se eu fosse esquecer um dos pontos altos da minha vida no ensino médio. O cara por quem eu era apaixonada tinha falado comigo, e não foi sobre algo idiota, como pedir para eu fazer seu dever de casa ou passar um bilhete para a gostosona da sala. Foi porque ele reparou em mim.

Eu sabia que as roupas novas estavam funcionando. Era a única explicação. Eu tinha trocado a calça jeans velha por uma nova, de marca, e comprado algumas camisetas da Abercrombie.

— Mas você tem certeza? — A voz de Char estava aguda, o que significava que ela estava estressada.

— Por que você não para de me perguntar isso?

Char enrolava no dedo uma mecha do cabelo escuro e ondulado.

— É só que eu juro ter escutado que ele ia com a Jessica.

— Bem... — Passei um pouco de perfume e suspirei. — Você escutou errado. Então, como estou?

Char sorriu.

— Linda. Parece uma princesa de contos de fada.

Tonta de alegria, uní as mãos enluvadas. O tema do baile de formatura era preto e branco. Eu estava usando um vestido tomara que caia branco, com corpete brilhoso à la Cinderela, e luvas pretas.

Não conseguia conter a empolgação. Eu iria ao baile de formatura com Brett Xander, que era simplesmente o cara mais gato da escola. E ele tinha me convidado! Quer dizer, eu não era uma completa nerd, mas também não estava no topo da pirâmide social da escola. Tinha sido escolhida como oradora e era presidente dos Futuros Líderes de Negócios dos Estados Unidos. Mas ele havia reparado em mim, tinha me convidado, e, no dia anterior, quando me ligou para confirmar tudo, eu quase morri.

A campainha soou.

Desci as escadas correndo, quase tropeçando no último degrau, respirei fundo e abri a porta.

— Beth. — O sorriso de Brett era estonteante, fazia meus joelhos fraquejarem. — Você está linda.

Umedecendo os lábios, soltei algo bem parecido com um suspiro sonhador e ofereci o braço. Tinha dito aos meus pais que se eles tentassem tirar uma foto que fosse eu jamais me casaria nem lhes daria netos. Então os dois, relutantemente, ficaram no escritório, permitindo-me aproveitar aquele momento sozinha.

— Então, está pronta? — Brett me deu o braço e começou a me guiar para a limusine à espera.

Uma limusine.

Suspirei outra vez.

Incapaz de formar uma frase coerente, assenti enquanto ele abria a porta. O banco macio de couro era muito convidativo. Talvez eu fosse receber meu primeiro beijo? Ou um gole de vinho? Ou...

— Oi, Beth! — cumprimentou-me um coro de vozes.

Há? Entrei na limusine e quase engasguei com a própria língua. Quatro garotas estavam sentadas comportadamente lá dentro, tomando refrigerante. Todas eram da minha turma de biologia. Nenhuma era popular. Acho que eram ainda menos populares do que eu.

Confusa, olhei para Brett, procurando uma resposta, mas a porta foi fechada na minha cara.

— Ele não vai com a gente? — perguntei, começando a entrar em pânico.

— Você está de brincadeira, não é? — Uma das garotas riu. — Brett Xander? Aqui dentro com a gente? Respirando o mesmo ar? Há, não. Essa é a boa ação dele do ano. Ele estava precisando de nota em biologia, e parece que a srta. Sims tem um fraco por todas nós e por todo o nosso empenho na aula. Ela ofereceu pontos extras para ele caso fizesse algo legal pelo departamento, e, conhecendo Brett Xander, dá para imaginar o que foi que ele decidiu fazer.

— A gente? Então ele vai o quê? Levar todas nós para o baile?

— Não — respondeu a mesma garota, bebendo o refrigerante. — Ele nos busca em casa com uma limusine, vai com a namorada em outra e nos acompanha até a festa. Mas pelo menos nós todas vamos poder dançar uma música com ele. Afinal, todo mundo sabe que ele vai ser o rei do baile.

— Sei.

Umedeci os lábios e me perguntei se deveria ou não me jogar da limusine, mas, assim que decidi abrir a porta, o carro começou a andar.

De repente meu vestido parecia apertado demais e eu me sentia uma idiota. Afinal de contas, quem iria querer ficar com uma supernerd controladora com uma predileção por gatos? Não Brett Xander. Eu devia estar louca em pensar, por um segundo que fosse, que ele prestaria atenção em mim.

— Ei, quer um refri? — Uma das garotas jogou uma lata de Pepsi para mim. Eu a peguei, mas a larguei no banco.

— Não, obrigada.



Deixei de lado o longo discurso sobre o fato de refrigerante causar câncer e, em vez disso, prestei atenção nas minhas luvas pretas. As luvas pelas quais minha mãe tinha pagado trinta dólares, animadíssima por eu ter um encontro.

Eu não podia voltar. Não podia ir para casa e contar a verdade.

Um dia, algum cara mais gato que Brett iria reparar em mim. Eu ia garantir que isso acontecesse. Não ia virar a louca dos gatos nem a garota que passa a faculdade inteira sem dar uns amassos.

Só precisava encontrar o cara certo.

Um que não partisse meu coração em um milhão de pedaços.

Ou que não fosse tão bonito.

Melhor dizendo: um que não fosse mais bonito do que eu.

E alguém em quem eu pudesse confiar.

Então, basicamente, eu não podia sair com nenhum advogado, médico, modelo, celebridade ou bombeiro. E, acima de tudo, nunca poderia me casar com um político.

Quer dizer, ninguém fica tão desesperada assim.

# Capítulo 1

— *A senhora está sendo acusada de sequestrar um senador dos Estados Unidos. Como se declara?*

*Vovó Nadine deu um sorrisinho. Amadores. Ela piscou para o agente do FBI e respondeu, atrevida:*

— *Ora, culpada, é claro.*

## Beth

Minhas pernas doíam pra caramba, minha cara estava enfiada em um travesseiro macio que cheirava bastante a político rico, e eu me lembrava nitidamente de ter comido pelo menos três biscoitos. Ou será que tinham sido quatro?

Soltando um grunhido, tentei me mexer, mas todo o meu corpo, e também meu cérebro, diziam que seria uma péssima e dolorosa ideia. Tentei me mexer mesmo assim.

E gritei.

Não deu para evitar.

— O quê...? — Uma voz grave ecoou de algum lugar de baixo de mim.

Fechei os olhos.

— Não adianta fechar os olhos, já sei que você está acordada.

— Isso é um sonho — murmurei, minha voz soando rouca e estranha. — Sou um produto da sua imaginação. Juro. Em dois segundos, você vai sentir...

— Vergonha — completou a voz. — Não era isso que você ia dizer? Uma vergonha gigantesca e avassaladora?

Abri os olhos.

— O quê? — E percebi que deveria tê-los deixado fechados.

Sério. São as pequenas coisas da vida que acabam com a gente. Feche a boca. Feche os olhos. Finja que não viu nada. Merda. Algumas coisas a gente não esquece.

E aquele rosto?

Aquela boca?

Os olhos azuis e brilhantes?

O cabelo loiro cortado na altura do queixo?

Aquilo tudo ficaria guardado para todo o sempre na minha memória, até o dia em que eu morreria sozinha, com meus gatos.

— Eu estava brincando. — O sr. Sexy deu uma risadinha. — Só disse isso para deixar você mais à vontade.

Sim, porque estar deitada em um completo desconhecido usando nada além de um sorriso praticamente dizia: *Ei, eu adoraria ouvir umas piadas. Mal posso esperar!* Agarrei os lençóis mais do que depressa e me afastei dele, dando uma joelhada acidental no pobre coitado.

Depois de alguns palavrões, o corpo musculoso dele se afastou para o lado oposto da cama.

— Você sabe que não pode contar isso para ninguém, não sabe? — disse ele.

Como se eu estivesse realmente tentada a procurar a imprensa para falar sobre meu estado de nudez atual.

— Isso o quê? — Tentei usar uma voz bem aguda e irritante, como a das garotas burras na TV. Basicamente, estava me fazendo de idiota.

— É sério?

Ele se virou, e uma covinha apareceu no lado direito de seu rosto quando ele me olhou, divertido.

Dei uma risadinha.

Bom, eu não falei que era boa em me fazer de idiota. Sou química, pelo amor de Deus! O mais perto que já cheguei de me fazer de idiota foi permitir que um cara apertasse os botões do elevador para mim porque ele achava que conseguiria sexo por ser tão cavalheiro. Acredito que o episódio tenha incluído brincar com o cabelo e piscar para ele.

Pois é, era assim que eu flertava.

— Bem... — Dei de ombros. — Acho que eu devia... há... ir embora.

Por que eu não conseguia me lembrar de nada da noite anterior? Nunca tinha feito isso. Eu realmente NÃO era esse tipo de garota. Rapidamente, peguei meu sutiá do chão, meu vestido de madrinha da cadeira — merda, meus sapatos estavam no banheiro, e parecia que alguém tinha vomitado neles. Ótimo, será que o vômito era meu? Será que eu tinha ficado bêbada?

— Você costuma fazer isso?

Aquele homem sexy, que era um colírio para os olhos, segurou meus braços. Foi aí que aconteceu. Não, não o que você está pensando. Quem me dera fosse assim tão fácil “ele me agarra em seus braços, eu me derreto toda, fico perdidamente apaixonada e me caso com o clone do Chris Hemsworth no dia seguinte, em Las Vegas”.

Nada disso. Essas coisas não acontecem comigo.

Mais uma vez:

Não sou esse tipo de garota.

Não passo a noite com caras.

Correção. Nunca passei a noite com um cara. Nunquinha. Nunca mesmo. Nunca, jamais. Será que ficou claro o bastante? Por São Batman e São Robin, será que eu estava começando a suar? Será que eu estava me deixando ainda menos atraente diante daquele deus do sexo? E por que ele estava invadindo meu espaço pessoal?

Fechei os olhos para invocar as lembranças da noite anterior.

O vestido de madrinha, padrinhos gatos, vovó me oferecendo uma bebida. Bolo, dança, vovó me oferecendo mais uma bebida,

depois Jace e eu dançando, rindo, entrando em um carro e... Ah, merda. Biscoitos.

Maldito político Jace!

Ele tinha crescido desde a última vez que eu o vira. Correção: tinha crescido e virado o tipo de homem tão lindo que dá vontade de chorar. Nunca contei a ninguém sobre aquela noite — a noite em que ele praticamente salvou minha alma de ser destruída pelo *quarterback* do time da escola. Era assim que eu demonstrava minha gratidão? Só o havia encontrado uma vez na vida! Uma vez! De todos os políticos safados que poderiam me levar para a cama, por que tinha que ser Jace?

O mesmo Jace que, segundo vovó Nadine, precisava ser consolado depois que minha irmã, Char, partiu seu coração em vários caquinhos.

Bem, eu o consolara direitinho. Tinha certeza de que não era a intenção da vovó que eu seduzisse o padrinho e depois fosse embora correndo.

Dormir com um político praticamente fazia de mim uma meretriz.

Ótimo, eu tinha perdido a virgindade com um homem que, algum dia, seria presidente. Monica Lewinsky e eu deveríamos ser amigas no Facebook. Mas, pensando bem, duvido que Monica fosse virgem quando ela e Bill...

— Ouviu o que eu disse?

— Ouvi. — Assenti. — Claro que ouvi. — Tinha certeza de que eu iria para o inferno por mentir assim.

— Ótimo, então vamos arrumar tudo.

Arrumar tudo? O quê? Parecia até que estávamos fazendo alguma atividade ilegal naquele quarto de hotel. O que tinha acontecido com o Jace que conheci na escola? Aquele que resgatava donzelas em seu cavalo branco?

— Acho que é o melhor a fazer. — Jace soltou um palavrão e pegou o celular. — Só não saia do quarto. Pelo amor de Deus, não saia. Tenho que chamar os seguranças. Mas primeiro preciso de um banho. Coma um biscoito. Sei que você gosta.

— O quê?

Eu me virei para encará-lo. Por inteiro. Outro momento da minha vida em que eu deveria ter ficado de olhos fechados, em vez de ficar babando.

A única coisa cobrindo sua nudez era uma cueca preta. Tudo mais naquele corpo estava à vista para ser admirado. Olhei bastante. Ei, não me julgue. Além disso, quando é que eu teria outra chance de ver a perfeição tão de perto? Nunca tinha visto um cara com um abdome tão definido, nem com braços que pareciam mais largos do que minha cabeça. Parecia que o sr. Senador tinha uma pequena obsessão com a boa forma; não que eu estivesse reclamando.

Duvidava muito que qualquer um reclamaria daquele tanquinho maravilhoso diante de mim, em toda a sua glória digna de um modelo.

— Beth? — Jace deu um sorrisinho. — Está acordada ou é sonâmbula?

Virei a cabeça de repente para encarar aqueles olhos entretidos.

— Estou acordada. Desculpe, qual era a pergunta?

— Quer um biscoito? — Jace deu outro sorrisinho. — Você ficou chorando agarrada a uma caixa deles, ontem à noite.

Era oficial: eu precisava reescrever a noite passada. Eu tinha perdido a virgindade com um político safado e chorado agarrada a uma caixa de biscoitos? Onde estava a justiça, meu Deus? Aquilo não era justo! Não era...

— Acho que sobraram alguns, estão ali no canto. — Ele apontou para o frigobar.

Sentindo-me subitamente faminta, fui até lá, ainda seminua, e peguei a pequena caixa. Ótimo, eu havia consumido metade do meu peso em algo que muito provavelmente me causaria câncer em uns cinco ou sete anos. Maravilha. Joguei a caixa no chão.

— Não estou com tanta fome.

— Mas deveria estar, depois de todo aquele exercício.

— Como assim? — Eu me virei tão depressa que tive que me apoiar no frigobar para recuperar o equilíbrio.

Jace pegou uma blusa e a jogou por cima do peito musculoso e bronzeado.

— Calma, Beth, não foi isso o que eu quis dizer. — Os olhos deles brilhavam, divertidos.

Ha-ha, muito engraçado. Mantive a testa franzida e até apoiei as mãos na cintura, só para mostrar que não tinha gostado do comentário.

Com uma piscadela, Jace agarrou a caixa meio vazia, pegou um biscoito e o balançou em frente ao meu rosto.

— Você estava com fome. Eu ofereci um biscoito. Você disse que não queria.

— E daí? — Dei de ombros.

— E daí que a razão para você recusar era porque não tinha feito nenhum exercício, então eu me ofereci para...

Ergui uma das mãos.

— Acho que sei como essa história termina.

— Beleza.

Jace comeu o biscoito que havia balançado diante de mim, depois outro, o que me deixou com água na boca. Aquele maldito fã de Clinton!

— Mas você me dispensou. Disse que agachamentos funcionavam tão bem quanto... Bem, você sabe. — Ele pigarreou. — Então você começou a... — Ele balançou o biscoito no ar e deu um sorrisinho.

— Por favor... — Mordi o lábio inferior e fechei os olhos. — Por favor, não diga que me exercitei nua só para comer um biscoito.

— Está bem. — Ele comeu outro biscoito e foi para o banheiro.

Suspirei aliviada quando ouvi o chuveiro sendo ligado.

Estava prestes a deitar em posição fetal quando ele gritou:

— Você comeu cinco biscoitos e, de acordo com seus cálculos extraordinários, concluiu que trinta agachamentos por biscoito compensavam todas as calorias consumidas, embora não parasse de falar alguma maluquice sobre como exercícios não impediam o câncer. Então começou a falar um monte de besteira e finalmente

apagou depois de gritar “Morram, células mutantes, morram!”  
— Ele fez uma longa pausa para rir. — Ah, e deu um soco no ar.  
Acho que estava tentando ser dramática.

Depois disso, silêncio total.

Eu queria morrer.

— *That's what you get for waking up in Vegas* — cantou uma voz vinda do chuveiro.

Ótimo, agora ele estava me sacaneando com uma música da Katy Perry.

As coisas não podiam ficar piores.